

CLÉIA DOS SANTOS PEREIRA

## **ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO PROCESSO DE AMAMENTAÇÃO**

CLÉIA DOS SANTOS PEREIRA

## **ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO PROCESSO DE AMAMENTAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Departamento de Enfermagem da Faculdade Fasipe, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Orientador: Enf. Me. Ana Keila F. Santos

CLÉIA DOS SANTOS PEREIRA

## **ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO PROCESSO DE AMAMENTAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Enfermagem da Faculdade Fasipe  
- como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Aprovado em:

Enf. Me. Ana Keila F. Santos  
Professora Orientadora:  
Departamento de Enfermagem – FASIPE

Enf. Me. Karla Caroline Araújo Silva  
Professora Avaliadora:  
Departamento de Enfermagem – FASIPE

Enf. Esp. Danilo Rorato Rondina  
Professor Avaliador:  
Departamento de Enfermagem – FASIPE

Rondonópolis  
2024

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a minha família e amigos,  
esta vitória também é deles.

## **AGRADECIMENTOS**

- Deus. Nunca foi sorte sempre foi Deus. A ele toda honra e toda glória. A base dos meus sonhos e conquistas;

- A minha família, por estarem ao meu lado durante todos esses anos, me proporcionando tranquilidade e confiança em meio a tantas preocupações, sem o apoio e incentivo de vocês eu não teria chegado até aqui;

- A todos os meus amigos que sempre estiveram na torcida por mim, por cada palavra de motivação que me deram forças para seguir a diante;

- Agradeço ao corpo docente do Curso de Enfermagem Fasipe, que contribuíram para minha formação profissional, em especial a minha orientadora Enf. Me. Ana Keila F. Santos por todo o auxílio e por todos os apontamentos indispensáveis para a conclusão deste trabalho;

- Para concluir, quero dizer que me sinto realizada em poder me graduar pela Faculdade Fasipe Rondonópolis, que tanto me acrescentou positivamente e que sentirei saudades. Portanto, dedico todo o meu reconhecimento e respeito à essa instituição.

## **EPÍGRAFE**

*“O conhecimento é transformador, a cada  
aprendizado um novo horizonte surge.”*

Douglas Mendes

## RESUMO

Tanto a Organização Mundial da Saúde (OMS) quanto o Ministério da Saúde no Brasil (MS) recomendam o aleitamento materno como fonte exclusiva de alimentação para os bebês nos primeiros seis meses de vida. O leite materno é considerado o alimento mais completo e adequado para os bebês nesse período, fornecendo todos os nutrientes essenciais para seu crescimento e desenvolvimento saudáveis. Além disso, o leite materno também oferece proteção contra diversas doenças e infecções, graças aos seus componentes imunológicos. O objetivo do estudo é entender a abordagem do enfermeiro durante a condução clínica e manejo da amamentação. Como metodologia de pesquisa foi realizada revisão integrativa de literatura, um estudo de natureza bibliográfica com análise qualitativa e descritiva. Foram selecionados artigos das bases de dados da Biblioteca Nacional de Medicina (PubMed), Scientific Electronic Library Online (SciELO), Google Acadêmico, Biblioteca Virtual em Saúde e repositórios, no período de 2013 a 2024. Como resultado evidenciou-se que o enfermeiro, ao fornecer orientações adequadas às puérperas sobre o processo de amamentação, busca não só promover e incentivar o aleitamento materno, mas também conscientizar sobre os desafios e possíveis complicações associadas a esse processo. Este estudo conclui que a participação e o auxílio da equipe de enfermagem são indispensáveis para as mães. É fundamental destacar a importância do apoio do enfermeiro no processo de amamentação, já que desempenha um papel significativo na liderança da assistência às lactantes. Além disso, é responsável por gerenciar aspectos administrativos, como a capacitação e treinamento dos profissionais envolvidos neste contexto específico do aleitamento materno.

**Palavras-Chave:** Enfermeiro, Amamentação, Leite materno, Lactante e Lactente.

### **ABSTRACT**

Both the World Health Organization (WHO) and the Ministry of Health in Brazil (MS) recommend breastfeeding as the exclusive source of nutrition for babies in the first six months of life. Breast milk is considered the most complete and suitable food for babies during this period, providing all the essential nutrients for their healthy growth and development. Additionally, breast milk also offers protection against various diseases and infections, thanks to its immunological components. The aim of the study is to understand the nurse's approach during clinical management and breastfeeding management. The research methodology involved an integrative literature review, a bibliographic study with qualitative and descriptive analysis. Articles were selected from databases such as the National Library of Medicine (PubMed), Scientific Electronic Library Online (Scielo), Google Scholar, Virtual Health Library, and repositories, from 2013 to 2024. The results showed that nurses, when providing appropriate guidance to postpartum women on the breastfeeding process, seek not only to promote and encourage breastfeeding but also to raise awareness about the challenges and potential complications associated with this process. This study concludes that the participation and assistance of the nursing team are indispensable for mothers. It is crucial to highlight the importance of nurses' support in the breastfeeding process, as they play a significant role in leading assistance to lactating women. Additionally, they are responsible for managing administrative aspects, such as training and education of professionals involved in this specific context of breastfeeding.

**Keywords:** Nurse, Breastfeeding, Breast milk, Lactating and Infant.

## **LISTA DE SIGLAS**

AM	Aleitamento Materno
AME	Aleitamento Materno Exclusivo
ENANI	Estudo Nacional de Alimentação e Nutrição Infantil
OMS	Organização Mundial de Saúde
RN	Recém-Nascido
UBS	Unidade Básica de Saúde
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1.1 Problematização .....</b>	<b>13</b>
<b>1.2. Justificativa .....</b>	<b>13</b>
<b>1.3 Objetivos.....</b>	<b>14</b>
1.3.1 Objetivo geral .....	14
1.3.2 Objetivos específicos .....	14
<b>2. REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>15</b>
<b>2.1 Benefícios da amamentação exclusiva .....</b>	<b>15</b>
<b>2.2 Dificuldades para o processo de amamentação .....</b>	<b>19</b>
<b>2.3 Ações de enfermagem para a prática da amamentação.....</b>	<b>25</b>
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>31</b>
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>32</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>40</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>41</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O processo de amamentação é uma prática importante para a saúde do recém-nascido (RN), indo além da simples nutrição, já que o leite materno consiste em uma substância nutritiva excretada pelas glândulas mamárias, sob a ação dos hormônios ocitocina, prolactina, e outros, é considerado a primeira imunidade do recém-nascido e em sua composição é encontrado nutrientes que favorecem o sistema imune, o crescimento e o desenvolvimento da criança. O aleitamento materno é uma das formas mais eficientes de atender os aspectos nutricionais, imunológicos e psicológicos da criança em seu primeiro ano de vida, onde essa consiste em uma prática natural e eficaz, além de favorecer o vínculo mãe-filho quando a amamentação é bem vivenciada pelas mães (VIANA et al. 2021).

Os benefícios elencados do aleitamento materno, abarca também a mãe que o prática, fator importante para a saúde da mulher, favorecendo na recuperação pós-parto, acelera a involução uterina, reduz o sangramento e conseqüentemente apresenta menor risco de anemia, diminui o risco de câncer de mama, câncer de ovário, diabetes tipo 2, doenças cardiovasculares, ansiedade, depressão, aumento da autoestima, força para enfrentar momentos difíceis do cotidiano e proporciona ganho significativo de maturidade (OLIVEIRA, 2019).

Apesar dos diversos benefícios do aleitamento materno, bem como da criação de programas de incentivo a essa prática, os índices mundiais de amamentação ainda se encontram abaixo dos recomendados, e para que ocorra a melhoria dos índices de aleitamento materno e redução das taxas de morbimortalidade infantil, é essencial que exista o fortalecimento e a promoção do AM. Desse modo, a Iniciativa Hospital Amigo da Criança é estimada como sendo uma das mais importantes estratégias lançadas por parte da Organização Mundial de Saúde (OMS) e Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) em 1991, onde tem o objetivo de garantir que ocorram essas melhorias (ROCCI; FERNANDES, 2014).

O período de amamentação exclusiva é a fase em que o recém-nascido (RN) se nutre apenas do leite materno até os primeiros seis meses de vida. Considerando esse pressuposto, é fundamental destacar o papel do enfermeiro como orientador nesse processo, já que a maioria das mães não compreendem de fato a importância da amamentação exclusiva até essa idade, devido à falta de informações e orientações. Como resultado, muitas delas acabam realizando a amamentação dos bebês de forma inadequada ou introduz outras fontes alimentares além do leite proveniente do seio materno (FIGUEIREDO et al., 2015).

Além dos desafios relacionados à técnica de amamentação e aos cuidados com as mamas, existem fatores maternos que podem contribuir para o desmame precoce. Ser mãe

jovem, ter baixa renda familiar, trabalhar fora de casa, ter baixa escolaridade, ser mãe solteira, não ter experiência prévia com amamentação, desconhecer as vantagens do aleitamento materno, não receber orientação adequada na maternidade e apresentar fissuras mamilares devido à técnica inadequada de amamentação são alguns dos fatores que podem dificultar o processo e levar ao desmame precoce (SANTOS et al., 2016).

Apesar da ampla disponibilidade de informações, muitas pessoas mostram-se inexperientes no que diz respeito ao aleitamento materno. Isso ocorre devido aos inúmeros desafios e dificuldades comuns nessa fase. Portanto o apoio e orientação dos profissionais de saúde, especialmente dos enfermeiros são de suma extrema importância, principalmente durante o período de pré-natal se estendendo nos primeiros contatos com o recém-nascido. É essencial que esses profissionais, identifiquem e compreendam devidamente o processo do aleitamento materno dentro do seu contexto sociocultural e familiar. Através dessa compreensão, podem orientar as famílias sobre a importância do aleitamento materno. Assim, é fundamental que os profissionais estejam preparados para prestar assistência eficaz e integral, respeitando o saber e a história de vida de cada mulher, ajudando na superação de possíveis medos, dificuldades e inseguranças (OLIVEIRA et al. 2015).

A enfermagem como ciência do cuidado, tem se renovado cada vez mais com decorrer do tempo, sobretudo no que se refere a sua assistência e produção científica. Desse modo, a assistência realizada em saúde precisa se dispor a restauração da homeostasia do indivíduo, onde a atualização é essencial para a tomada de decisão. Por conta disso, a prática de lactação precisa ser sempre anunciada como a garantia para promover um crescimento saudável ao lactente. Ainda que muito se fale sobre a amamentação, nota-se que existe um grande número de gestantes e puérperas que não possuem conhecimentos sobre o que esse ato representa para a saúde do bebê, e isso pode ser devido à falta de informação oferecida por parte dos profissionais de saúde ou por conta de alguma disfunção e/ou dificuldade que a puérpera apresenta, como no caso de fissuras ou rachaduras, ingurgitamento mamário, mastite entre outros, o que impede a mesma de realizar a amamentação (MARTINS et al. 2020).

Neste contexto, uma das maiores dificuldades que o enfermeiro tem que lidar é com a falta de conhecimento da puérpera sobre a importância da amamentação e da sua continuidade. O aleitamento materno embora pareça ser algo simples, esse necessita de diversos processos provenientes da mãe e da criança, sendo que, apesar de todas as orientações e apoio fornecidos pelo profissional de saúde, é possível que o desmame precoce ocorra. Portanto, as atividades

desenvolvidas pelos profissionais de enfermagem a partir dessa perspectiva de cuidados são diversas e precisam ser planejadas e realizadas com bases científicas e metodológicas, assegurando que as intervenções implementadas se tornem mais eficazes do que antes (COSTA et al., 2013).

É importante que a amamentação seja iniciada de preferência logo depois do nascimento do bebê, na primeira hora de vida, o que contribui por auxiliar no combate contra as infecções, além de reduzir os índices de mortalidade infantil. Assim, entende-se que os profissionais de saúde precisam estar preparados para que possam acolher as mães antes mesmo do parto, prestando as devidas orientações ainda no pré-natal, sendo esse um ótimo momento para estabelecer vínculo entre profissional e paciente. Ao progredir dessa relação de confiança após o parto, o enfermeiro é capaz de identificar e melhor compreender os medos e angústias da lactante no que se trata da amamentação, onde o mesmo irá promover e apoiar o aleitamento materno, além de prestar suporte, assegurando a adequada nutrição da criança, evitando ainda que ocorra o desmame precoce (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2017).

O enfermeiro deve contribuir estimulando o AM, onde o mesmo deve oferecer suporte emocional perante os obstáculos e dificuldades que podem surgir. Sendo assim, é fundamental esse acompanhamento próximo do profissional de enfermagem logo nas primeiras semanas, considerando o fato de que a mulher está diante de um novo cenário, onde pode surgir sentimento de medo e incapacidade perante uma situação nunca vivida, o que pode causar problemas associados à amamentação no período inicial, ou insciência sobre o modo correto de amamentar, o que pode levar ao desmame (COSTA et al., 2018).

É essencial que o enfermeiro visando o manejo clínico do AM detenha de conhecimentos técnicos/científicos, para orientar sobre a importância e necessidade da amamentação, auxiliando ainda a puérpera com relação as técnicas de posicionamento e pega correta do RN. É importante entendermos que a falta de conhecimento e incapacidade dos profissionais que prestam essa assistência, irá impactar diretamente no aumento dos índices de desmame precoce devido as dificuldades que surgem nesse período, além de influenciar negativamente nas ações de estratégias de promoção à lactação (AZEVEDO et al., 2015).

O enfermeiro tem autonomia, competência técnica/científica e respaldo legal para prestar uma assistência de qualidade ao binômio, mãe/filho, desde as atividades de planejamento, organização, coordenação, orientações e cuidados assistenciais de enfermagem, é um profissional responsável por disseminar informações referente aos benefícios que o

aleitamento materno oferece, assim como orientar sobre as técnicas adequadas para garantir uma amamentação bem-sucedida e promover ações que incentivam a prática de amamentar, tornando esse momento único e confortável (OLIVEIRA, 2019).

### **1.1 Problematização**

Quais as ações que o enfermeiro precisa desenvolver para a prática da assistência perinatal?

### **1.2. Justificativa**

O presente trabalho pretende demonstrar a importância e desempenho do enfermeiro diante do processo de aleitamento materno. Para que a prática da lactação tenha êxito é fundamental que os profissionais de saúde sejam capacitados, com objetivo de prestar uma assistência de qualidade, apoiar e estimular a amamentação.

As dificuldades enfrentadas no início do processo da amamentação, pode interferir na tomada decisão da mãe, que opta por não amamentar ou interromper este processo, o desmame precoce é uma preocupação na área da saúde, as temáticas abordadas neste estudo têm a pretensão de ofertar conhecimentos aos profissionais e aperfeiçoamento das práticas e dos cuidados assistenciais.

Essa proposta de pesquisa é relevante para a formação do enfermeiro e sua atuação no processo de amamentação, com vistas a promover, orientar e apoiar a lactação de acordo com as recomendações do Ministério da Saúde e Organização Mundial de Saúde.

## **1.3 Objetivos**

### 1.3.1 Objetivo geral

Compreender as medidas utilizadas pelo profissional enfermeiro para auxiliar na prática de amamentação.

### 1.3.2 Objetivos específicos

Apresentar os benefícios da amamentação exclusiva.

Analisar as dificuldades para o processo de amamentação.

Descrever ações de enfermagem para a prática da amamentação.

## **2. REVISÃO DE LITERATURA**

### **2.1 Benefícios da amamentação exclusiva**

A gravidez é assinalada como um evento que representa a transição de um processo, que envolve mudança de identidade e uma redefinição de papel para a mulher na sociedade e isso gera oscilações de diversas naturezas, essas mudanças vivenciadas, estão relacionadas às alterações hormonais. Perante isso, a gestação pode provocar medos, inseguranças, temores, e ao mesmo tempo pode gerar sentimentos de alegria, realização e satisfação. Essas alterações na gestação podem ser evidenciadas com maior prevalência na mulher primípara, mas de modo geral estão associados a relações interpessoais, familiares, sociocultural e condição econômica, esses são fatores determinantes que interfere no vínculo com o bebê, assim como no processo de aleitamento materno (LEITE et al., 2016).

Conforme explicam Giugliani e Santos (2017), o reconhecimento da relevância da amamentação exclusiva nos seis primeiros meses de vida da criança é de certa forma recente. Apenas na década de 1980, se iniciaram os relatos de que a inserção precoce (antes dos 6 meses) de água, chás, sucos, leite e alimentos sólidos ou semissólidos, podem afetar a saúde da criança. Devido a crescente conscientização acerca da importância da amamentação exclusiva e da carência de padronização em relação ao seu conceito e objetivo, a Organização Mundial de Saúde (OMS) em 1991 estabeleceu as primeiras definições de aleitamento materno e propôs critérios globais como parâmetros para averiguar a evolução dos programas de promoção ao aleitamento materno.

Victora et al. (2016) acrescenta que, muitas pesquisas apontam o quanto a amamentação exclusiva é importante. Quantas mortes e patologias em crianças poderiam ser evitadas se essa prática fosse desempenhada nas diferentes comunidades. Quantas mulheres poderiam ser poupadas de desenvolver o câncer de mama se o aleitamento materno exclusivo fosse realizado pelo menos no decorrer dos primeiros seis meses de vida do RN, estudos distintos, evidenciam o quanto a amamentação exclusiva é relevante e pode influenciar na saúde da criança, bem como prevenir e reduzir o aumento da mortalidade infantil entre crianças de 0 a 2 anos de idade, sobretudo, em países de média e baixa renda.

Em conformidade com Silva e Davim, (2014), é de suma importância que exista a promoção do aleitamento materno, com o compromisso de informar as mulheres acerca dos

benefícios relacionados a amamentação, bem como as desvantagens da utilização de leites não humanos, além de que essas devem ser aconselhadas sobre todo o processo da amamentação, visando aumentar a sua capacidade, segurança e confiança nesta prática.

O leite materno é dividido em três períodos: colostro, transição e leite maduro. O colostro é liberado nas primeiras horas de vida do neonato e se estende até o quinto dia. É de cor amarelada, espesso e em pequena quantidade, com menor teor de gordura e lactose, mas com elevado nível de minerais, proteínas, fatores de crescimento e imunoglobulina A. Por outro lado, o leite maduro possui uma quantidade inferior de imunoglobulina A. O aleitamento materno exclusivo contribui para a redução da mortalidade infantil, casos de diarreia, otites, alergias, desnutrição, risco de infecções, diabetes e obesidade. (MESQUITA et al., 2016).

O leite materno pode ser classificado em quatro tipos: Aleitamento materno exclusivo: É considerado quando o bebê se alimenta apenas de leite materno, seja diretamente do peito ou ordenhado, sem a adição de outros líquidos ou alimentos sólidos, com exceção de medicamentos, vitaminas ou suplementos minerais. Aleitamento materno predominante: O leite materno é a principal fonte de alimento do bebê, mas ele também pode receber pequenas quantidades de água ou bebidas à base de água, como chás e sucos. Aleitamento materno complementado: A partir dos seis meses de idade, o bebê recebe leite materno juntamente com outros alimentos, como frutas, legumes, papas e carnes, para complementar sua nutrição. Aleitamento materno misto ou parcial: O bebê recebe tanto leite materno quanto outros tipos de leite, como fórmula infantil (FERREIRA, 2016).

Ferreira (2016), complementa que o leite humano maternal consiste em uma substância alimentícia rica, que possui inúmeros benefícios, fundamentais para suprir as necessidades nutricionais. É um alimento completo, equilibrado e simples para ser digerido, contempla vitaminas, gorduras, açúcares, proteínas e minerais, abrange substâncias nutritivas que não acha no leite de vaca e em nenhum outro tipo de leite, além de colaborar para a formação do sistema imunológico da criança, oferecendo à devida defesa em combate contra diferentes patologias. É considerado um alimento ideal para o estômago do bebê, além de ser estimado como sendo a forma mais barata e segura de alimentar o bebê, para tanto é necessário respeitar alguns fatores, como o regime livre e a não complementação do leite, pois desta forma o bebê estará protegido.

A amamentação consiste na base da vida, que garante segurança nutricional através do leite materno com a oferta de nutrientes essenciais para o crescimento e desenvolvimento da criança, essa prática tem repercussões incomparáveis na saúde e bem-estar do indivíduo. Dessa

forma, a OMS preconiza que a alimentação seja realizada logo na fase inicial da transição neonatal, continuando de forma exclusiva durante os seis primeiros meses de vida e de modo complementar até os dois anos de idade, podendo se estender por tempo indeterminado desde que seja uma prática saudável e confortável para a criança e para a mãe (SILVA, 2018).

Para Santos e Meireles (2021) o aleitamento materno é evidenciado como um ato natural e espontâneo, compreende-se em aleitar e nutrir o filho com o leite produzido pela lactante, é uma dinâmica bastante importante para a criança e para a mãe, devido ao seu valor fisiológico e emocional. Contudo pode ser baseado no aprendizado por meio de experiências vivenciadas, assim como nas experiências compartilhadas entre mulheres, associando à determinantes culturais e sociais. Está prática de aleitar, precisa ser iniciada, já nas primeiras duas horas de vida do RN, ainda na sala de parto, considerando as condições de saúde da mãe e do bebê. Isso promoverá o contato entre ambos e o começo da sucção eficiente do leite materno, gerando efeitos positivos a longo prazo na interação mãe-bebê, assim como o fato de a criança se tornar mais sociável no decorrer dos próximos anos.

Para Santos e Meireles (2021), o aleitamento materno traz benefícios tanto para o RN quanto para a mãe, seja a curto e longo prazo. Os benefícios da amamentação exclusiva para o recém-nascido são diversos, oferece a prevenção de infecções gastrintestinais, respiratórias, urinárias, possui ainda efeito protetor sobre alergias, principalmente sobre proteínas do leite de vaca, melhorando a aceitação a outros alimentos, reduz a morbimortalidades, ajuda no crescimento e no desenvolvimento saudável, estimula o vínculo mãe-bebê e melhora a desenvoltura da mandíbula em função do ato da sucção, a criança ao ser amamentada no seio passa a ter um melhor desenvolvimento em suas estruturas faciais (arcos dentários e palato), além de uma menor incidência de cáries.

Segundo Carvalho et al. (2013), alguns outros benefícios podem ser citados, como, maior proteção da saúde do lactente, que terá riscos mais baixos de infecções severas e de morte assim como diarreia, que é mais comum em casos de alimentação artificial, reduz o risco de enterocolite necrosante prematura, parasitas intestinais, artrite juvenil, além de evitar o surgimento de linfomas, favorece também o desenvolvimento cognitivo e intelectual, nesse âmbito as crianças que são amamentadas no seio tendem a ser mais inteligentes e obtêm maior sucesso na vida escolar.

Santos et al. (2019), explica que a imaturidade do sistema imunológico e gastrointestinal das crianças faz com que a inserção precoce de outros alimentos antes dos seis meses de idade

leve há possíveis riscos de problemas digestivos, respiratórios e renais, além de afetar de modo negativo na composição dos hábitos alimentares. Desta forma, o leite humano deve ser a continuação da nutrição que se iniciou durante o período em que o bebê foi gestado, na fase intrauterina. Assim, a sua composição se mostra diferente das fórmulas infantis, sendo que nele se faz presentes os hormônios T3 e T4, insulina, esteroides adrenais e enzimas, além de fatores associados ao crescimento que atuam na maturação e diferenciação de certos órgãos (FERREIRA, 2016).

No estudo de Gonçalves et al. (2019), foi feita uma análise de registros de menores de 6 meses a partir de dados inseridos no Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional no ano de 2015, onde foi possível constatar que o aleitamento materno exclusivo possui efeito protetor contra o ganho excessivo de peso nessa idade, e está associado ao peso corporal saudável ao longo da vida. Ardid et al. (2019) apresentam que, o leite humano colabora para as habilidades das crianças em controlar a ingestão de alimentos, promovendo a saciedade, e em contrapartida, as crianças que receberam amamentação artificial durante a primeira infância, podem não ser capazes de controlar a sua saciedade, favorecendo o ganho de peso.

A amamentação exclusiva também protege a mãe. Entre os principais benefícios que a mãe obtém em amamentar, estão a perda de peso mais rápido pois durante a amamentação o corpo da mãe utiliza calorias extras para produzir leite materno, o que pode ajudar na perda de peso pós-parto. Além disso, a amamentação estimula a contração do útero auxiliando na recuperação da forma uterina, reduz o risco de desenvolver câncer de mama e de ovário pois contribui para a redução dos níveis de estrogênio no corpo. Durante a amamentação, a liberação de ocitocina auxilia na contração dos vasos sanguíneos diminuindo a probabilidade de hemorragia pós-parto, retorno mais precoce do ciclo menstrual pode auxiliar na reposição dos níveis de ferro que previne anemia. Além disso o leite materno não tem custo e está sempre acessível, não requerendo preparo ou gastos extras, encontra-se naturalmente na temperatura adequada e é idealmente adaptado às necessidades nutricionais do bebê recém-nascido. (MACEDO et al., 2015).

Complementando Macedo et al, o Brasil (2015), destaca que o aleitamento materno favorece a saúde da mulher, previne contra diversas patologias, tais como, hipertensão, doença coronariana, obesidade, doença metabólica, osteoporose, fratura de quadril, artrite reumatoide, depressão pós-parto, reduz o risco de esclerose múltipla pós-parto, reduz irritação, ansiedade, melhora a disposição para enfrentamentos da vida, além de se sentirem mais felizes e realizadas.

Cavalcanti et al. (2015) explicam que, amamentação vai além de simplesmente nutrir a criança. É um processo que fortalece o vínculo afetivo entre mãe e filho, impactando diretamente o estado nutricional e fisiológico, assim como o desenvolvimento cognitivo e emocional da criança. Não se restringe somente ao fator nutritivo, mas também desempenha um papel imunoterapêutico, influenciando holisticamente a saúde da mãe. Os benefícios do leite materno englobam diversos aspectos de saúde, econômicos e sociais, tanto para as crianças assim como para as mães, familiares e toda a população, incluindo a promoção da preservação ambiental, que se tornou um novo paradigma no desenvolvimento humano.

Conforme explica Neto (2019) o aleitamento materno não beneficia apenas a mãe e o bebê, ele também traz vantagens para toda a família. Além de proporcionar economia financeira, fortalece os laços afetivos e reduz a probabilidade de outra gravidez em curto prazo (contribuindo para o planejamento familiar), promovendo assim um ambiente familiar mais harmonioso. Portanto, é fundamental que todos incentivem e apoiem a prática da amamentação.

Os índices de aleitamento materno têm exibido um aumento no Brasil, conforme os resultados preliminares do Estudo Nacional de Alimentação e Nutrição Infantil (Enani) do Ministério da Saúde. Nesse caso, foram avaliadas 14.505 crianças com menos de 5 anos entre os meses de fevereiro de 2019 e março de 2020. Sendo assim, mais da metade, uma média de 53% das crianças brasileiras continuaram sendo amamentadas até o primeiro ano de vida. Com relação aos menores de seis meses o índice de amamentação exclusiva foi de 45,7%. Já nas menores de quatro meses, esse foi de 60%.

Todos os indicadores associados a amamentação apresentaram uma melhora no Brasil, conforme dados do Enani comparados aos inquéritos nacionais anteriores, bem como aos Indicadores de amamentação propostos pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Portanto, o último dado de 2006 da Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher (PNDS), em comparação ao Enani, evidenciou um aumento de 15x da amamentação exclusiva entre as crianças com menos de 4 meses, e de 8,6x entre lactentes com menos de 6 meses (UNASUS, 2020).

## **2.2 Dificuldades para o processo de amamentação**

Ao longo das gerações, muitas crenças têm sido transmitidas, algumas das quais têm um impacto direto no processo de amamentação, levando muitas mulheres a interromperem

prematuramente esse processo. Entre essas crenças, destacam-se a ideia de que o leite materno é fraco, a associação entre o tamanho da mama e a capacidade de produzir leite, e o uso de chás para aliviar as cólicas do bebê. Esses mitos contribuem para que as mães desconheçam os benefícios associados à prática do aleitamento materno (SANTOS; MEIRELES, 2021).

Conforme Lima et al. (2018) compreender as dificuldades enfrentadas durante a amamentação pode ser determinante para sua continuidade ou interrupção, uma vez que diversos fatores estão envolvidos, aumentando o risco para a saúde do bebê e contribuindo para os índices de morbimortalidade infantil. A influência negativa da família ao questionar a suficiência do leite, a falta de conhecimento materno e a escassez de apoio dos profissionais de saúde durante o período pré-natal, pós-parto e puerpério são os principais motivos para interromper o Aleitamento Materno (AM). Além disso, outros aspectos como nível educacional, situação financeira e emocional da família, juntamente com a disponibilidade abundante de fórmulas infantis, também exercem influência sobre a maneira como a mãe alimenta seu filho.

Sehnm et al. (2016) destacam que as mães necessitam de apoio para estabelecer um bom Aleitamento Materno (AM), reconhecendo que amamentar não é apenas um instinto, mas sim uma habilidade que demanda tempo e prática para ser desenvolvida. Portanto, é crucial que as mulheres sejam encorajadas, apoiadas e educadas nesse processo. O suporte da família e dos amigos desempenha um papel fundamental ao oferecer informações e conhecimentos de qualidade, o que eleva as chances de uma amamentação eficaz fortalece sua continuidade.

Segundo Cremonese et al. (2016), no que se trata da decisão de amamentar dentro do ambiente doméstico, essa é fortemente influenciada pela história da amamentação vivenciada por parte da própria família, ou seja, mulheres tendem a identificar as experiências vividas por outras mulheres da família, o que implica de modo direto na sua decisão de amamentar. Essa influência pode se manifestar de várias maneiras, desde a observação das práticas de amamentação de mães, avós ou irmãs até a absorção das narrativas e percepções sobre amamentação transmitidas ao longo das gerações. Assim, a história familiar desempenha um papel crucial na formação das atitudes e crenças em relação à amamentação, moldando as escolhas das mulheres quando se trata de nutrir seus próprios filhos.

Algumas mães optam por introduzir outros alimentos de maneira precoce, muitas vezes justificando que não produzem leite em quantidade suficiente, que o leite secou ou que o leite é considerado fraco. Essas justificativas estão profundamente enraizadas em fatores culturais e

são influenciadas pela rede social na qual a mulher lactante está inserida. Além disso, os fatores psicológicos desempenham um papel significativo, estando diretamente relacionados às dificuldades enfrentadas pelas mães na amamentação, incluindo ansiedade, depressão, sentimento de culpa e inadequação, bem como estresse. Esses aspectos psicológicos podem impactar profundamente a experiência de amamentar e as decisões relacionadas à alimentação infantil (BALAMINUT et al., 2018).

Ciaciare et al. (2016) complementa que entre os fatores psicológicos, o mais relatado consiste no medo, onde esse surge associado a vários outros fatores. Dessa forma, a ansiedade e constrangimento também são relatados por muitas lactantes, sendo que, sentimentos como esses desencadeiam liberação de substâncias endógenas, como a adrenalina e dopamina, que implicam na redução da produção de ocitocina e prolactina e, por conta disso, interferem de forma direta na produção do leite materno. Sendo assim, é de grande importância que seja prestado apoio psicológico a essas mulheres, bem como as devidas orientações acerca da amamentação, para que as mesmas possam se ambientar à sua nova condição e que desenvolvam a resiliência necessária para que possam lidar com a situação sem desânimo.

Segundo o estudo de Amaral (2016) qualquer tipo de bico artificial pode desencadear confusão de bicos no recém-nascido. Além disso, essa prática tende a aumentar a incidência de fissuras, que são lesões dolorosas que podem resultar em desconforto para o bebê e, conseqüentemente, levar ao desmame precoce. Esses bicos intermediários, sejam eles de mamadeira ou de chupeta, podem interferir na forma como o bebê se adapta à amamentação, dificultando a pega adequada no seio materno e comprometendo o estabelecimento do reflexo de sucção eficaz. Portanto, é fundamental que os pais e cuidadores estejam cientes dos potenciais riscos associados ao uso de bicos intermediários e optem por estratégias que promovam o sucesso do aleitamento materno exclusivo nos estágios iniciais de vida do bebê.

Conforme Braga et al. (2018), referente aos fatores sociais, existe uma grande pressão social para que seja feito o uso de mamadeira, além da falta de apoio familiar para que seja dada a manutenção ao aleitamento materno. Os aspectos culturais, exemplificados pelas crenças arraigadas e praticadas pela família da lactante, podem exercer influência direta no processo de lactação, dada sua natureza que é uma tarefa que demanda considerável dedicação e entrega por parte da mãe.

Brasileiro et al. (2018) comenta que a lactante necessita, portanto, ter a convicção de que o aleitamento materno consiste na melhor escolha para o devido desenvolvimento do bebê.

Assim, uma orientação adequada durante o pré-natal e até mesmo na instituição hospitalar pode contribuir por desmistificar questões que são massificadas por parte da mídia como propagandas de substitutos do leite materno e introdução de farinhas. Tais orientações em saúde devem incluir de fato o parceiro e os familiares mais próximos sempre que for possível.

O desmame precoce também está associado a situação de necessidade de retorno ao trabalho por parte da lactante. Nesse contexto, nota-se que com o decorrer dos anos, a mulher está cada vez mais presente no mercado de trabalho e isso inclui, sobretudo, a mulher em idade fértil. Dessa forma, a implementação de medidas de proteção à lactação e de incentivo ao aleitamento materno, bem como a ampliação de licença-maternidade devem ser cada vez mais reforçadas. Além do mais, as mulheres devem ser devidamente orientadas quanto à possibilidade de fazer o armazenamento e congelamento do leite materno tendo o objetivo de prolongar esse aleitamento (MONTEIRO et al. 2017).

Walty e Duarte (2017) comentam que no contexto educacional e profissional, bem como na continuidade dos estudos maternos, surgem desafios que podem dificultar a manutenção do aleitamento materno, especialmente entre mães adolescentes. O retorno ao mercado de trabalho também é identificado como um fator de risco para o aleitamento materno. A baixa escolaridade materna e a ausência de coabitação dos pais são consideradas como fatores socioeconômicos que exercem um impacto negativo no processo de amamentação. Adicionalmente, as mães que vivem sem a presença de seus parceiros têm uma probabilidade maior de interromper precocemente o aleitamento materno.

Outras dificuldades que as mães enfrentam surgem logo nas primeiras mamadas, geralmente no início do processo. É comum que a mulher tenha uma leve dor nos mamilos, o que é considerado normal, embora essa sensação não deva persistir além da primeira semana. No entanto, casos de dor intensa e lesões nos mamilos não são normais. As causas mais comuns associadas à dor durante a amamentação incluem posicionamento e pega incorretos, sucção não nutritiva prolongada e o uso de bicos intermediários, entre outros fatores. É importante destacar que muitos dos tratamentos convencionais para lesões nos mamilos carecem de apoio em estudos de qualidade. (BRASIL, 2015).

Além disso, para superar os desafios enfrentados pelas mães na amamentação Tungotyo et al. (2017), comentam que o leite de vaca e as fórmulas infantis são frequentemente apontados como as principais alternativas de alimentação complementar, sendo o leite de vaca o mais comumente utilizado. A prematuridade, por sua vez, exerce uma influência direta sobre o

aleitamento materno devido às dificuldades de sucção e ao reflexo de pega ainda em desenvolvimento. Essa situação pode prejudicar a produção de leite da mãe, uma vez que a lactação requer estímulos adequados. Além dos obstáculos já mencionados, as mães também enfrentam desafios emocionais e sociais ao lidar com o diagnóstico inesperado de fissura palatina em seus filhos. O estigma social associado a essa condição pode gerar sentimento de culpa, vergonha e isolamento. A ansiedade também é comum, devido à preocupação com o desenvolvimento e o bem-estar da criança, assim como as incertezas em relação ao tratamento e ao futuro.

A principal dificuldade enfrentada por lactentes com fissura palatina é a desnutrição e/ou perda de peso significativa, decorrentes de problemas na sucção e pega. Esses problemas podem causar tosse, engasgo aspiração e desenvolvimento inadequado. A complexidade da fissura também influencia diretamente nos desafios, sendo a fissura labial a mais simples devido à manutenção da pressão intra-oral, que facilita a deglutição, embora ainda apresente engasgos, fadiga e pouca deglutição, levando à desnutrição (TRETTENE et al., 2018).

Gárate et al. (2020) corroboram essa relação, indicando que em casos em que a fissura é mais complexa, isto é, mais extensa ou envolvendo uma área maior do lábio ou do palato, há uma maior probabilidade de enfrentar desafios significativos durante o aleitamento materno. Esses desafios podem incluir dificuldades para o bebê conseguir uma pega eficaz no seio materno, problemas no estabelecimento do reflexo de sucção ou até mesmo dificuldades para manter a sucção devido à falta de vedação adequada. Quanto maior a complexidade da fissura, menor a probabilidade de sucesso no Aleitamento Materno Exclusivo (AME).

A prematuridade induz uma imaturidade fisiológica no recém-nascido, afetando o sistema estomatognático, potencialmente comprometendo a pega ao seio materno e o reflexo de sucção. Além disso, pode impactar a produção láctea devido à falta de estímulo adequado, o que resulta na diminuição do volume de leite. A sonolência do bebê prematuro é outro fator que torna ainda mais difícil o aleitamento materno. Quando o bebê enfrenta esses desafios, pode haver uma diminuição na capacidade de realizar o Aleitamento Materno Exclusivo, o que significa que o bebê não está recebendo toda a sua nutrição a partir do leite materno. Isso pode levar à necessidade de complementação com fórmula ou até mesmo à interrupção prematura da lactação (LIMA et al., 2019).

Outro desafio frequente são as lesões mamilares, que são feridas ou rachaduras nos mamilos, geralmente causadas pela pega incorreta do bebê durante a amamentação. Essas lesões

podem ser bastante dolorosas e dificultar a amamentação, especialmente para mulheres que passaram por mastectomia, já que a pele da mama remanescente pode estar mais sensível devido à cirurgia e aos tratamentos oncológicos, para as mulheres que passaram por este procedimento cirúrgico, o ingurgitamento pode ser ainda mais desafiador, pois a mama remanescente pode produzir mais leite do que o bebê necessita (Moraes et al., 2022).

Albuquerque e Hott (2021) destacam que os problemas relacionados à mastectomia, como dor, desconforto e alterações na sensibilidade, podem gerar desconforto físico e emocional significativo para as mães, impactando sua capacidade de amamentar. O estudo de caso de Poupas Martins e Sim-Sim (2023) corrobora essa perspectiva, evidenciando as dificuldades enfrentadas por mulheres que optam por amamentar após o tratamento do câncer de mama. Além disso, as mulheres podem enfrentar desafios psicológicos e emocionais relacionados à imagem corporal e autoestima após a mastectomia. A pressão social e os estigmas associados à amamentação podem agravar esses sentimentos, tornando o processo ainda mais difícil para algumas mulheres.

A amamentação após uma mastectomia é uma possibilidade real para mulheres que tiveram suas glândulas mamárias preservadas, mesmo que parcialmente. A pesquisa de Já et al. (2020) confirma que a amamentação é viável após a cirurgia, especialmente quando o câncer afetou apenas uma das mamas. Nesses casos, a mama saudável mantém sua função de produção de colostro e leite, permitindo que a mãe amamente seu bebê normalmente após a recuperação da cirurgia e do tratamento oncológico.

Como apontam Moraes et al. (2022), mesmo em situações em que uma das mamas foi removida, a capacidade de amamentar não está necessariamente perdida. Se a mama remanescente estiver funcional e as glândulas mamárias intactas, a produção de leite pode ser suficiente para nutrir o bebê. No entanto, é fundamental reconhecer que a amamentação após uma mastectomia pode apresentar desafios específicos. Um dos desafios mais comuns é o ingurgitamento mamário, que ocorre quando o leite se acumula em excesso nas glândulas mamárias. Essa condição pode causar desconforto, dor e até mesmo inflamação na mama.

O estudo de Azim et al. (2016) revelou que apenas 10 de 32 mulheres mastectomizadas conseguiram iniciar a amamentação, evidenciando os desafios enfrentados por muitas mulheres nessa situação. Essa pesquisa identificou a produção insuficiente de leite como um dos principais obstáculos, causada pelos impactos da cirurgia e dos tratamentos subsequentes na capacidade da glândula mamária. Moraes et al. (2022) também destacam os desafios

emocionais e psicológicos enfrentados por essas mulheres, como ansiedade, preocupações com a saúde da mama remanescente e medo de prejudicar o tratamento do câncer. Esses fatores podem impactar negativamente a experiência da amamentação e levar à sua interrupção. Sella et al. (2023) corroboram esses achados, revelando que 54% das mulheres jovens sobreviventes de câncer de mama tentaram amamentar, sendo que a maioria das que não tentaram tinha histórico de mastectomias bilaterais.

Monteiro et al. (2017) cita ainda que a menor idade gestacional ao nascer é estimada como um fator negativo, pois, quanto menor for a idade gestacional, maior tende a ser a prevalência da descontinuidade do aleitamento materno. Além disso, existem outros aspectos relacionados aos recém-nascidos prematuros que também podem comprometer a amamentação, como no caso da fragilidade e possíveis sequelas neonatais. No que se alude aos fatores maternos, a via de parto cesariana é considerada como um fator de risco para a interrupção do aleitamento materno dos prematuros, devido ao fato de que afeta o contato precoce entre a mãe e seu filho, por conta dos efeitos pós-anestésicos e procedimentos pós-cirúrgicos. Por outro lado, o parto normal é tido como fator que favorece o aleitamento materno exclusivo.

Em conformidade com Brasil (2015), uma parcela significativa dos profissionais de saúde promova o aleitamento materno, muitas lactantes expressam insatisfação em relação ao apoio e às orientações recebidas desses profissionais. Uma das razões para essa discrepância reside na divergência de percepções sobre o apoio e as orientações necessárias para o sucesso da amamentação. Isso inclui a discrepância entre o tipo de apoio que as mulheres desejam, precisam e recebem, e o que os profissionais consideram importante para fornecer. Além disso, a forma como essas abordagens e orientações são comunicadas pode impactar significativamente a eficácia e a aceitação por parte das lactantes.

### **2.3 Ações de enfermagem para a prática da amamentação**

É de grande importância que o profissional de saúde identifique e compreenda o processo do aleitamento materno, levando em consideração o contexto sociocultural e familiar da lactante, somente a partir desse entendimento, é possível acompanhar e orientar a família com relação a importância de adotar uma prática de amamentar saudável. Desse modo, é essencial que esse profissional esteja preparado para que possa prestar uma assistência de qualidade, respeitando o saber e a história de vida de cada mulher, ajudando na superação dos

medos, dificuldades e inseguranças. Assim, estima-se que o enfermeiro é o profissional indicado para realizar a abordagem e orientações sobre a amamentação, pois já tem um vínculo estabelecido com a mulher durante o ciclo gravídico-puerperal (OLIVEIRA et al., 2015).

A promoção ao aleitamento materno é um fator essencial para que a amamentação seja desempenhada de modo positivo e eficiente, tanto o enfermeiro quanto a equipe de saúde, devem ser profissionais capacitados, atualizados e empáticos, adotando as melhores técnicas possíveis e com fácil verbalização para repassar as orientações necessárias para as gestantes e puérperas, estimulando a adesão e a continuidade da amamentação (QUEIROZ, 2017).

Queiroz (2017), complementa ainda que fica clara a necessidade da participação do profissional de enfermagem na primeira hora de vida do RN, momento em que o mesmo contribui diretamente para o fortalecimento do vínculo mãe e bebê, sendo esse um importante papel e atuação em programas de educação em saúde, durante o período de preparação da puérpera em consultas de rotinas, no processo de esclarecimento de dúvidas referente ao aleitamento materno.

Segundo Andrade e Pedersoli (2019), o enfermeiro possui um papel de grande relevância na assistência à mulher-mãe-nutriz. Portanto é fundamental que esse profissional além de conhecimentos atualizados, tenha habilidades nas técnicas de aconselhamentos, sobretudo referente no manejo clínico da lactação. Dessa forma, o enfermeiro cumpre seu papel como profissional de saúde e como cidadão, ajudando a garantir o direito conferido à toda criança de ser amamentada, conforme preconiza o Estatuto da Criança e do Adolescente.

A promoção ao aleitamento materno, precisa ser iniciada a partir do acompanhamento ainda no pré-natal, o enfermeiro precisa identificar ao decorrer do pré-natal os conhecimentos, a experiência prática, bem como as crenças e a vivência social e familiar de cada gestante, por meio de educação em saúde com foco na amamentação, de modo que possa assegurar a vigilância e a efetividade durante a assistência a nutriz no pós-parto e durante todo o período do processo de amamentar (SILVA et al., 2018).

Lustosa e Lima (2020) citam que diversos estudos apontam que a equipe de enfermagem é a responsável pela promoção do cuidado humanizado, priorizando o respeito na assistência que é prestada. É importante que os profissionais possam refletir e se conscientizar com relação as técnicas de cuidados, com o objetivo de diminuir os casos de desconfortos e inseguranças, proporcionando uma assistência de qualidade e acolhedora para as mães, principalmente no

início da lactação que é um período decisivo para a continuidade ou não do aleitamento materno.

O cuidado correto com o RN consiste em um dos maiores desafios para que se possa reduzir os índices de mortalidade infantil no Brasil. Nesse caso, a redução do índice de morte neonatal é resultado de uma assistência qualificada prestada por parte dos profissionais de saúde. Para que isso aconteça, a mulher deve ter conhecimento suficiente para lidar com essa nova fase, pois as falhas e o despreparo para a realização desses cuidados, podem interferir de modo direto no aleitamento materno e na saúde do bebê (DIAS et al., 2019).

Segundo Cirino et al. (2016) a prática de educação em saúde, contribui para fortalecer o vínculo entre o enfermeiro e a família. Portanto é fundamental aprimorar as formas de comunicação para garantir a continuidade do cuidado. Isso pode ser alcançado por meio de implementação de estratégias educativas que destacam a importância do aleitamento materno exclusivo até os seis meses de idade e da nutrição complementar adequada, seguida da manutenção do aleitamento no mínimo até os dois anos de idade.

O objetivo do processo de construção na educação em saúde para o pré-natal é assegurar o desenvolvimento adequado durante a gestação e abordar atividades educativas e explicativas que podem ser realizadas de forma coletiva ou individual. As ações educativas realizadas durante o pré-natal pela equipe multidisciplinar contribuem diretamente para o acolhimento e atendimento integral à saúde, garantindo que a gestante receba todas as orientações necessárias e promovendo sua autonomia e empoderamento (DELFINO et al., 2021).

Diante da importância fundamental da técnica adequada de amamentação e da necessidade de cuidados específicos com as mamas, o emprego de recursos educativos é indispensável para aprimorar os conhecimentos, habilidades e atitudes dos profissionais de saúde. A participação ativa de enfermeiros experientes nesse contexto é essencial, pois sua expertise no assunto e competências práticas os tornam facilitadores de saúde altamente eficazes. Eles são capazes de transmitir orientações precisas e promover a adaptação e o bem-estar tanto das mães quanto dos bebês (MEDEIROS et al., 2023)

Além disso, é crucial que os enfermeiros contribuam ativamente na criação de tecnologias e ações educativas que facilitem o processo de ensino-aprendizagem sobre os cuidados com a amamentação. A elaboração e validação de materiais educativos, como vídeos, manuais e aplicativos, podem auxiliar na disseminação de informações precisas e atualizadas,

garantindo que as mães recebam o suporte necessário para uma amamentação bem-sucedida (MEDEIROS et al., 2023).

Pereira et al. (2019) conduziram um estudo que revelou a importância da técnica de amamentação, evidenciando que 41% das queixas de puérperas em bancos de leite estavam relacionadas as dificuldades no amamentar. O procedimento de "orientação de posição, pega e sucção" foi o mais frequente, indicando a necessidade de aprimorar o conhecimento e as habilidades das mães nessa área.

Em consonância com essa necessidade, Souza et al. (2020) realizaram uma intervenção educativa abrangente, focada na técnica de amamentação, que resultou em um aumento significativo na prevalência do aleitamento materno nos primeiros 30 dias de vida dos bebês. A intervenção incluiu diversas estratégias, como a exibição do vídeo educativo "Amamentação muito mais do que alimentar a criança", produzido pelo Ministério da Saúde, que aborda os benefícios do leite materno para a saúde da mãe e do bebê. A amamentação pode ser realizada em diversas posições, como sentada, recostada, deitada ou qualquer outra que seja confortável para a mãe e o bebê, como a tradicional, a de "jogador de futebol americano", deitada, a tradicional invertida e a cavalinho. O importante é que ambos se sintam confortáveis e relaxados durante a amamentação.

Em relação à compreensão sobre "boa pega" e "má pega", Silva et al. (2024) observaram que, antes da intervenção educativa, as gestantes tinham percepções variadas. Algumas associavam a boa pega à eficácia da mamada e à ausência de desconforto para a mãe, enquanto outras mencionavam a ausência de problemas como fissuras nos seios. Por outro lado, a má pega foi relacionada a fissuras, desconforto para o bebê e dificuldade na alimentação.

O mau posicionamento do recém-nascido (RN) e a pega inadequada durante a amamentação são fatores cruciais para o surgimento de lesões mamilares, frequentemente resultantes de falhas no acompanhamento pré-natal e do conhecimento insuficiente dos profissionais de saúde sobre o tema. Nesse contexto, a capacitação dos enfermeiros sobre amamentação e cuidados com lesões mamilo-areolares torna-se fundamental para prevenir o desmame precoce. Em relação ao tratamento e prevenção de lesões mamilo-areolares, as pesquisas apontam para a importância da educação em saúde e do tratamento tópico. Uma revisão sistemática reforça a eficácia da educação em saúde sobre amamentação, com demonstrações práticas, como estratégia do cuidado. Recomenda-se que essa educação ocorra

em várias ocasiões, para garantir a compreensão e a aplicação correta das técnicas (OLIVEIRA et al., 2020).

Com a crescente busca por métodos inovadores de ensino-aprendizagem na área da saúde, a simulação virtual surge como uma ferramenta promissora para aprimorar a formação de profissionais. Através da simulação virtual, os enfermeiros podem vivenciar cenários realistas e praticar habilidades relacionadas à amamentação e cuidados com as mamas, permitindo um aprendizado mais imersivo e interativo. Além disso, a utilização de tecnologias educacionais como realidade virtual e realidade aumentada oferece a oportunidade de alcançar um número maior de profissionais de saúde, independentemente de sua localização geográfica, contribuindo assim para a disseminação do conhecimento e aprimoramento das práticas clínicas em todo o mundo. (MEDEIROS et al., 2023).

Ao simular cenários realistas de amamentação e cuidados com as mamas, a simulação virtual permite que os enfermeiros pratiquem suas habilidades e conhecimentos em um ambiente seguro e controlado, antes de aplicar na prática clínica. Essa abordagem pode contribuir para uma melhor compreensão das dificuldades enfrentadas pelas mães durante a amamentação, além de preparar os profissionais para lidar com situações desafiadoras e oferecer suporte adequado às lactantes. A simulação virtual, portanto, apresenta-se como uma ferramenta valiosa para a formação continuada de enfermeiros, promovendo a atualização de conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades práticas, com o objetivo de melhorar a qualidade da assistência em amamentação e prevenir o desmame precoce (MEDEIROS et al., 2023).

Silva et al. (2024) observaram em seu estudo mudanças significativas nas respostas das gestantes após ações educativas. A maioria passou a reconhecer a importância da posição correta durante a amamentação, tanto para a mãe quanto para o bebê. As gestantes compreenderam que uma posição adequada, como a mãe sentada com apoio e o bebê corretamente posicionado seus braços, garante uma boa pega e uma amamentação confortável para ambos. Essa mudança de percepção demonstra a efetividade da intervenção educativa na conscientização sobre a postura ideal durante a amamentação.

Além disso, após ações educativas, as gestantes apresentaram um entendimento mais claro sobre os conceitos de "boa pega" e "má pega". A boa pega é definida como a correta apreensão do peito materno pelo bebê, possibilitando uma sucção eficaz e uma alimentação adequada, sem causar desconforto ou ferimentos nos seios da mãe. Já a má pega é associada a

problemas como fissuras nos mamilos, desconforto durante a amamentação, dificuldade do bebê em se alimentar e possíveis inflamações nos seios. Essa compreensão mais clara da importância da pega correta evidencia o impacto positivo da educação sobre a amamentação na preparação das gestantes para uma experiência mais tranquila e bem-sucedida. É importante ressaltar que as gestantes possuem diferentes níveis de conhecimentos sobre a posição correta durante a amamentação. Algumas entendem que a importância de uma postura adequada para amamentar é para evitar engasgos e promover a conexão entre mãe e bebê, enquanto outras expressaram dúvidas ou falta de conhecimento sobre o tema. Essa falta de familiaridade com a postura correta para amamentar corrobora os achados de Suarez et al. (2019), que também identificaram esse desconhecimento em muitas mães.

De tal modo, as ações desenvolvidas incluem a escuta ativa que envolve ouvir, observar, fazer perguntas abertas, avaliar o conhecimento da mulher e seu parceiro sobre o tema aleitamento materno, praticar a técnica da linguagem corporal demonstrando respeito, paciência, confiança, atenção e empatia, além de responder às perguntas sem julgamentos.

É fundamental analisar a prática do enfermeiro na promoção do aleitamento materno, pois essa compreensão da realidade vivida pelas mães permite a implementação de novas ações, evitando falhas na assistência, aumentando a adesão à amamentação e combatendo o desmame precoce.

Assim outras ações incluem, realizar rodas de conversas entre mães para compartilhar experiências vivenciadas, realizar visitas domiciliares para avaliar as condições de vida pós-parto, oferecer assistência abrangente à família, manter dados pessoais atualizados no Sistema Único de Saúde (SUS), inscrever a mãe em programas governamentais de apoio financeiro, fornecer orientações verbais embasadas em evidências científicas sobre a importância da amamentação, incluindo dicas sobre roupas que facilitam a lactação, posturas adequadas para mãe e bebê durante a amamentação, discutir aspectos essenciais para uma pega correta.

As intervenções também abrangem demonstrações individualizadas da técnica de amamentação usando manequins, permitindo que as mães pratiquem e recebam feedback personalizado, corrigindo quaisquer aspectos desfavoráveis identificados na técnica de amamentação. Por fim, o acompanhamento envolve seguir de perto o processo da nutriz, oferecendo disponibilidade para consultas adicionais e apoiando suas decisões.

### 3. METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de uma revisão bibliográfica, do tipo qualitativa e descritiva, fundamentada em produções científicas relevantes sobre a atuação do enfermeiro no processo de amamentação, na perspectiva de melhor responder à problemática apresentada. Foram realizadas buscas sistemáticas em diversas bases de dados, tais como, Biblioteca Nacional de Medicina (PubMed), a Scientific Electronic Library Online (Scielo), Google Acadêmico, Biblioteca Virtual em Saúde e repositórios, restrita ao período de 2013 a 2024, com os seguintes descritores: Enfermeiro, Amamentação, Leite materno, Lactante e Lactente. As buscas foram conduzidas de setembro de 2023 a junho de 2024.

Primeiramente realizou-se a escolha da temática, seguida pela elaboração da indagação orientadora e pela definição dos propósitos da pesquisa. Posteriormente procedeu-se o levantamento e a análise criteriosa dos artigos selecionados para serem utilizados neste estudo. Para garantir a qualidade e relevância da revisão literária, foram estabelecidos critérios de inclusão e exclusão dos artigos. Foram incluídos apenas estudos publicados em português nos últimos 11 anos, que abordassem o tema proposto e estivessem alinhados com os objetivos delineados. Artigos em outros idiomas, estudos publicados fora do período delimitado, artigos que não eram pertinentes a temática da pesquisa assim como obras em duplicadas, foram excluídos.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nas buscas de dados foram encontrados 99 artigos, desses foram excluídos 30 por duplicidade de informações, data inferior, não abordando a atuação do enfermeiro e por isso, foram excluídos. É possível averiguar entre os resultados dos estudos selecionados, que a maior parte das nutrizes não possuem o devido conhecimento com relação aos benefícios ligados ao aleitamento materno, especialmente daqueles que são associados ao fator de proteção contra inúmeras enfermidades e síndrome alérgicas e, que faz parte dos componentes imunológicos que se fazem presente no leite materno. Nesse âmbito, é essencial que os profissionais de saúde, sobretudo o enfermeiro na Atenção Básica de Saúde (ABS), busque durante a consulta do pré-natal informar à gestante sobre os benefícios associados ao aleitamento materno exclusivo, de modo claro e preciso, ressaltando que o leite materno fortalece o sistema imunológico da criança e atua contra diversas doenças (RIBEIRO et al., 2023).

Um estudo realizado no ano de 2014 no Brasil, averiguou a tendência negativa e positiva para o AM, onde foi identificado como fatores negativos, o aumento de moradores no domicílio, mães de idade avançada, uma menor escolaridade da progenitora, uso de creches e menor renda. Já no caso dos fatores positivos para a manutenção do AM foram registrados o fato de possuir mais filhos, e ser mãe de raça preta ou parda. Além do mais, esse estudo identificou ainda que as diferenças regionais podem exercer influência na prática de amamentação, onde a região norte apresentou a maior prevalência para o AM, e as regiões sudeste e sul as menores prevalências (WENZEL; SOUZA, 2014).

Conforme o estudo qualitativo de Tessari et al. (2019), esse foi realizado em uma maternidade do Paraná, onde o mesmo contou com a participação de 10 mães e 1 pais adolescentes, onde foi possível identificar que apesar das mães apresentarem conhecimento referente a importância do AM, elas também relataram maiores dificuldades na sua prática, sobretudo nos primeiros dias de vida do recém-nascido. Assim, o amplo conhecimento acerca da relevância do AM é capaz de reduzir os casos de intercorrências, assegurando todos os seus benefícios tanto para a mãe quanto para o bebê e superando dificuldades.

Para Brasil (2015), os primeiros dias depois do parto são essenciais para o sucesso da amamentação, tendo em conta que esses são de intenso e constante aprendizado para a mãe e o bebê. Assim, muitas mulheres idealizam esse momento como algo mágico, e podem se frustrar ao se confrontarem com a verdadeira realidade. Em seu estudo Fernandes et al. (2017)

observaram a mamada ainda na maternidade, logo nas primeiras horas pós-parto, onde foi averiguada uma grande dificuldade na pega, sendo esse um dos principais problemas enfrentados durante o início da amamentação. Portanto, se faz necessária a identificação dessas dificuldades, de modo que puérpera seja apoiada e melhor instruída, visando a superação desses obstáculos para que obtenha o devido sucesso no aleitamento.

No que se refere a relação benéfica da amamentação, por meio dos estudos de Bassan, Ganen e Castro (2021), realizado em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) no município de Guarulhos- SP, averiguou que, quanto maior for o período de amamentação, maiores serão a quantidade de benefícios para a saúde materna-infantil, exercendo uma influência positiva também para a família e sociedade. Contudo, a relação de benefícios em grande parte dos casos é interrompida por conta de fatores que colaboram para o desmame precoce, entre os quais se tem o uso de mamadeiras, chupetas, retorno da mãe ao trabalho, fissuras mamárias, introdução de fórmulas infantis, entre outros. Sendo assim, é de grande importância identificar quais as principais dificuldades apresentadas pelas mães, sobretudo entre as primíparas.

No estudo realizado por Cardoso et al. (2021), buscou-se analisar entre as crianças que tiveram aleitamento materno exclusivo até os seis meses, se essas não apresentaram nenhum tipo de alergia em comparação com as crianças que tiveram a introdução de alimentos ou fórmulas infantis, onde foi constatado um maior número de alergias. Portanto, o aleitamento materno é estimado como sendo a principal fonte de nutrientes, colaborando em fortalecer o sistema imunológico do neonato, além de atuar na prevenção de doenças alérgicas.

Com relação ao incentivo ao aleitamento materno, no estudo realizado por Christoffel et al. (2022), esse foi feito em quatro unidades de Estratégia Saúde da Família (ESF) no município de Macaé- RJ, onde averiguou que os profissionais se esforçam para manter um elo de confiança entre o profissional-paciente, buscando sempre fazer a inserção da gestante em grupo de gestantes, rodas de conversa, além da conversa individual, frisando sempre sobre a importância do aleitamento materno exclusivo até os 6 meses de vida. Desse modo, o aconselhamento sobre amamentação precisa ser prestado pelo profissional da saúde de forma contínua, tendo em vista que essas orientações não devem se restringir somente sobre as vantagens, mas também deve abordar sobre a importância que o leite materno tem para o sistema imunológico e estabelecimento de vínculo afetivo para o binômio mãe-bebê.

Em um estudo realizado por Santana et al. (2020) em Serra Talhada-PE, o mesmo averiguou por meio dos Programas Saúde na Escola, com grupos de estudantes e profissionais

de saúde, o incentivo com relação a prática do aleitamento materno, onde foram realizadas algumas encenações, orientações referentes ao posicionamento correto da forma de amamentar, canções adaptadas que permitissem um maior entendimento e compreensão sobre os efeitos benéficos do aleitamento materno no sistema imunológico do bebê e também na formação dos vínculos afetivos entre mãe e filho.

A técnica inadequada de amamentação é um desafio frequente para as mães, que pode ser identificado ainda durante a internação hospitalar após o parto. Se não for corrigida precocemente, essa dificuldade pode desencadear uma série de problemas, como trauma mamilar, ingurgitamento mamário, diminuição da produção de leite, introdução precoce de alimentos complementares e, conseqüentemente, o desmame precoce. A técnica incorreta de amamentação é um fator determinante para a interrupção do aleitamento materno exclusivo, mas felizmente é um problema que pode ser solucionado por meio de intervenções adequadas. O acompanhamento profissional, com orientações sobre a pega correta, o posicionamento do bebê e a frequência das mamadas, pode fazer toda a diferença para o sucesso da amamentação (SANTOS et al., 2016).

Andrade et al. (2021) mencionam que é importante enfatizar que o processo de amamentação não ocorre de modo natural e intuitivo, onde esse requer aprendizagem e prática, necessitando de apoio e suporte profissional, considerando que a mulher carece de tempo para que possa se ajustar e entender o melhor modo de amamentar. Portanto, é importante que as nutrizes estejam preparadas psicologicamente para que possam amamentar, tendo em conta que cada processo de amamentação e gestação possuem diferenças, experiências negativas ou mães que não amamentaram seu primeiro bebê tendem a ter uma maior dificuldade em entender, além do medo de continuar o processo de negatividade, onde optam pelo uso de fórmulas infantis. Sendo assim, é necessário que o enfermeiro possibilite a gestante a construção do pensamento e análise crítica acerca da possibilidade de amamentar seus filhos.

O enfermeiro deve esclarecer à mãe a importância da amamentação em livre demanda, ou seja, sempre que o bebê solicitar, atendendo às suas necessidades nutricionais e afetivas. Deve estar apto para auxiliar a mãe na resolução de problemas comuns na amamentação, como rachaduras nos mamilos, ingurgitamento mamário e mastite. Precisa ensinar à mãe as técnicas corretas de armazenamento do leite materno para garantir sua qualidade e segurança. Pode organizar grupos de apoio à amamentação, proporcionando um espaço para as mães trocarem experiências, receberem orientação profissional e se sentirem acolhidas. Deve oferecer apoio

emocional à mãe durante todo o processo de amamentação, reconhecendo seus desafios e incentivando-a a superar as dificuldades (ANDRADE et al., 2021).

Carvalho et al. (2017) explicam que o enfermeiro consiste em um profissional que se faz presente no decorrer de todo o ciclo gravídico-puerperal. O mesmo é competente conforme a legislação para fazer o acompanhamento de pré-natal de baixo risco, podendo ainda fazer a solicitação de exames de rotina e complementares, realizando a consulta de enfermagem, ofertando durante essa fase todo o apoio e confiança para que a gestante se sinta melhor e tenha uma maior autonomia na sua gestação e parto, bem como nas decisões relacionadas ao cuidado com o seu filho, inserindo-se entre estas a amamentação.

Para Tenório et al. (2021), o enfermeiro possui um papel de grande importância no que se alude a amamentação, tendo em consideração o fato de que eles são os que mais se relacionam com a mulher durante todo o ciclo gravídico-puerperal, vivendo com as demandas do aleitamento, e são por meio de suas práticas que elas podem promover o estímulo a amamentação e apoiar as gestantes, contribuindo por melhorar os índices de aleitamento materno e diminuir as taxas de desnutrição infantil, alergias, anemias, doenças dentárias e infecções que podem elevar a mortalidade infantil, além de reduzir ainda os casos de internações, custos com consultas, medicamentos, entre outros.

O enfermeiro precisa ter, além de conhecimentos básicos e habilidades em aleitamento materno, uma comunicação que seja eficaz. A partir disso, é de grande importância que esse profissional ouça, entenda e que ajude de fato a gestante em seu processo de tomada de decisão. Além do mais, é essencial dialogar com as gestantes de modo que possa sanar suas dúvidas, conhecer quais são seus medos, tabus, e mostrá-la sobre a importância e a responsabilidade de suas decisões, despidendo-se do preconceito e discriminação (MELO, 2019).

Para Silva et al. (2022), a participação do enfermeiro se dá por meio da orientação tanto aos usuários do serviço quanto a equipe de enfermagem, buscando expandir os argumentos científicos e a humanização que é prestada a mãe-filho, visando alcançar a excelência da assistência, melhorando a saúde materna e infantil. Contudo, devido a quantidade reduzida de profissionais e pelo excesso de responsabilidades, em muitos casos existem lacunas quando se trata do binômio mãe-filho, podendo interferir em uma melhor qualidade na assistência ao aleitamento materno. Desse modo, se tem a necessidade de realizar ações de enfermagem que sejam direcionadas e bem-sucedidas visando o estímulo a amamentação.

O enfermeiro precisa refletir sobre a orientação de enfermagem, onde o mesmo deve ser sensível e uniforme no que se refere a amamentação. Não basta apenas dizer para a gestante que ela deve amamentar, é necessário que esse profissional enfatize que o leite materno possui nutrientes específicos para o bebê, que favorece o vínculo mãe e filho, que não possui nenhum custo, entre várias outras vantagens. As informações ligadas a amamentação exigem a efetivação do cuidar de forma mais empática, integral, sem preconceitos ou pressupostos, onde esses possam adentrar no mundo da vida da gestante, buscando sempre compreender as relações sociais que exercem influência no desenvolvimento do aleitamento materno (LEITE et al., 2016).

Garcia et al. (2018) explicam que os enfermeiros, na Estratégia de Saúde da Família (ESF), podem atender as mulheres durante a gestação, na atenção ao pré-natal de baixo risco, onde esse atendimento deve acontecer de forma qualificada, sendo essencial para reduzir os índices de morbimortalidade materna e neonatal, trabalhando uma assistência humanizada. Costa et al. (2019) enfatizam que na ESF, o enfermeiro possui um papel de suma importância, devido ao fato de que esse profissional acompanha as gestantes, desde o diagnóstico da gestação até o desenvolvimento dos bebês, onde deve ressaltar sobre os hábitos positivos, além de esclarecer sobre aqueles que podem causar prejuízos a criança.

Conforme Silva (2018), é essencial que os enfermeiros forneçam informações corretas e necessárias desde o acompanhamento no pré-natal, onde devem dar apoio emocional e orientar as gestantes do ponto de vista prático, de modo que essas desenvolvam autoconfiança em sua capacidade de amamentar, para que possam superar suas dificuldades e obter sucesso com a lactação no pós-parto imediato.

Oliveira (2019) explica que o enfermeiro é o profissional mais próximo das gestantes, além de que esse possui os conhecimentos técnicos e científicos, e que fazem uso de meios facilitadores da educação em saúde, bem como na assistência direta que é prestada a essas puérperas e sua família, sendo essencial e importante no processo de apoio, práticas, promoção e incentivo do aleitamento materno. Devido a esse motivo, é de suma importância que os profissionais de enfermagem estejam em contínuo estado de capacitação, esses profissionais devem promover o adequado acolhimento das gestantes durante o período pré-natal de forma mais precoce possível, oferecendo as mesmas orientações e esclarecimentos sobre os benefícios da amamentação para a qualidade de vida da mãe e, sobretudo do filho.

A pesquisa revelou que lactentes com fissura labiopalatina enfrentam diversos desafios no aleitamento materno, como sucção débil, pega inadequada, dificuldade de deglutição, problemas respiratórios, tosse, engasgo e fadiga. Essas dificuldades podem resultar em perda de peso, desnutrição e comprometimento do sistema imunológico, impactando negativamente a alimentação e o desenvolvimento saudável da criança. Diante disso, é fundamental entender que a fissura labiopalatina não se limita a aspectos biológicos, mas exige uma abordagem holística, abrangendo a criança e sua família (SILVA et al., 2023).

Os cuidados necessários devem ser compartilhados com os responsáveis e cuidadores, para que possam oferecer o suporte adequado ao lactente. A equipe de enfermagem desempenha um papel crucial nesse processo, necessitando de conhecimento aprofundado sobre a fissura labiopalatina e as estratégias para viabilizar a amamentação. Além disso, é essencial que a equipe oriente e acompanhe a família nesse período de adaptação, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida do lactente (SILVA et al., 2023).

Albuquerque e Hott (2021) destacam que as dificuldades enfrentadas por mulheres que passaram por mastectomia, como dor, desconforto e alterações na sensibilidade, podem impactar significativamente sua experiência de amamentação, tanto física quanto emocionalmente. Diante disso, torna-se fundamental oferecer suporte adequado a essas mães, a fim de auxiliá-las a superar esses desafios de forma mais saudável e menos dolorosa, proporcionando uma experiência de amamentação mais positiva. Rocha (2020) enfatiza a importância dos profissionais de saúde, especialmente os enfermeiros, estarem atentos a essas dificuldades e preparados para oferecer orientação e assistência às mães que enfrentam problemas durante a amamentação. Isso inclui fornecer informações sobre técnicas de amamentação adequadas, uso de dispositivos para aliviar o ingurgitamento mamário e tratamento de lesões nos mamilos.

Além do suporte prático, o apoio emocional é crucial para essas mães, pois o estresse e a ansiedade podem afetar negativamente a produção de leite e a experiência de amamentação como um todo. Rocha (2020) também investigou a relação entre câncer de mama e amamentação, concluindo que as necessidades das mulheres sobreviventes de câncer de mama em relação à amamentação são semelhantes às de mulheres que não tiveram a doença. Isso reforça a importância de oferecer suporte individualizado e abrangente a todas as mães que desejam amamentar, independentemente de seu histórico de saúde.

Poupas Martins e Sim--Sim (2023) ressaltam a importância de informar os profissionais de saúde sobre a viabilidade da amamentação em mulheres que passaram por mastectomia, a fim de aprimorar a qualidade do cuidado e das intervenções que promovem a amamentação e sua continuidade. Silva et al. (2019) exploraram o papel das tecnologias em saúde na promoção do aleitamento materno, evidenciando a predominância e a contribuição significativa das tecnologias educacionais nesse processo. Os resultados positivos na manutenção da amamentação demonstram o potencial dessas ferramentas. No entanto, o estudo também apontou a escassez de pesquisas sobre o uso de tecnologias gerenciais durante a lactação, indicando a necessidade de mais estudos nessa área para compreender seus efeitos na prevalência do aleitamento materno.

Rocha (2020) destaca o papel essencial dos enfermeiros no apoio à amamentação em mulheres que passaram por mastectomia. Devido às suas habilidades técnicas e conhecimento especializado, esses profissionais podem orientar sobre técnicas de amamentação que facilitem o processo e minimizem o desconforto, além de oferecer suporte emocional essencial para essas mulheres. O acompanhamento e intervenção do enfermeiro são cruciais para prevenir complicações, como infecções, bloqueios de ducto mamário e baixa produção de leite, que podem surgir devido às particularidades da amamentação após a mastectomia. Ao fornecer cuidados especializados e acompanhamento contínuo, os enfermeiros contribuem significativamente para a qualidade de vida e bem-estar dessas mulheres, promovendo uma experiência de amamentação mais positiva e bem-sucedida.

Alguns profissionais de enfermagem ainda não perceberam de fato sobre a necessidade com relação ao contato imediato entre o binômio mãe-filho. Assim, tal necessidade é confirmada levando em conta o fato de que o contato precoce entre mãe e bebê deve ser valorizado para alcançar diversos objetivos, entre eles a capacidade para amar aquele ser humano que está ali logo após o nascimento, onde esse é considerado como um período curto que trazem benefícios em longo prazo (HERGESSEL, 2018).

O enfermeiro consiste em um profissional que pode exercer a abordagem de orientação sobre a amamentação, pois esse estabelece vínculo com a gestante durante todo o ciclo gravídico-puerperal, através de um longo processo de acompanhamento que tem início no pré-natal, dando continuidade no puerpério e pós alta hospitalar. Sendo assim, o enfermeiro possui um papel de suma importância na realização de ações na assistência individualizada, por meio de uma comunicação de fácil entendimento, com recursos que possam facilitar a compreensão

acerca da importância da amamentação, através de oficinas, palestras educativas, vídeos, atividades em grupos, buscando até mesmo promover a troca de experiências, visando a soma de conhecimentos, minimizando as dúvidas, dificuldades e casos de possíveis complicações (RODRIGUES et al. 2016).

Portanto, o enfermeiro desempenha um papel crucial no processo de amamentação, desde o pré-natal até o pós-parto, atuando como um educador, apoiador e protetor da saúde da mãe e do bebê. Através de suas ações, o enfermeiro contribui para o estabelecimento e manutenção da amamentação exclusiva e continuada, proporcionando benefícios nutricionais, imunológicos e afetivos para o bebê, além de promover a saúde da mulher e prevenir doenças.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ausência do aleitamento materno, principalmente a não realização deste nos seis primeiros meses de vida do RN e a introdução precoce de alimentos sólidos e líquidos, são fatores que comprometem negativamente o crescimento e desenvolvimento da criança, deixando-a mais suscetível a doenças, respiratórias, alérgicas, gastrointestinais entre outras. Em razão disso, existe uma grande necessidade da implementação de ações educativas com o objetivo de incentivar as mulheres a amamentarem seus filhos até os seis meses de idade de forma exclusiva e de maneira complementar até os dois anos de idade, ressaltando que não existe a necessidade de incluir outros alimentos além do leite materno nesta primeira fase do processo de amamentação, porém é preciso ser considerado o fato de que na segunda fase a partir de dois anos, a alimentação da criança precisa ser adequada para idade.

Desta forma, a atuação do enfermeiro é de extrema importância no apoio ao aleitamento materno. Este apoio deve se iniciar precocemente ainda no pré-natal, estendendo até o período do puerpério, estabelecendo vínculo por meio de uma assistência contínua. Vale ressaltar que, o sucesso do aleitamento materno compreende também profissionais capacitados e bem orientados, com atualização constante dos conhecimentos sobre as práticas de amamentação, os benefícios da amamentação exclusiva, a melhor maneira de apoiar emocionalmente às mães, como ofertar uma assistência humanizada garantindo um ambiente favorável à amamentação, incluindo ações instrutivas para a gestante e sua família, tornando esse momento prazeroso, saudável e confortável principalmente para a mãe e filho e assim eliminando as chances de ocorrer o desmame precoce.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, R; HOTT, G. Questões socioemocionais envolvidas no cuidado de mulheres mastectomizadas. **Revista da Saúde da AJES**, v. 7, n. 14, 2021. Disponível em: <https://revista.ajes.edu.br/index.php/sajes/article/view/424>. Acesso em: 04 jun. 2024.

AMARAL, R. Fatores que contribuem para o desmame precoce e atuação da enfermagem. **FACIDER Revista Científica**, Colider 2016; 20]; (9):1-17. Disponível em: <http://seicesucol.edu.br/revista/index.php/facider/article/view/142/177>. Acesso em: 07 mai. 2024.

ANDRADE, L et al. Amamentação: relato de experiência sobre projeto de extensão. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v.4, n.2, p.3989-4004,mar./abr.2021. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com.br/assets/ebooks/25CLaYuFn37JA6lko991e3VzTN40X42s.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2024.

ANDRADE, R; PEDERSOLI, A. **Nutrição e maternidade**: experiências e oralidades. Porto Velho: São Lucas Educacional, 2019. 60 f.

ARDID, C., et al. Efectos de las prácticas alimentarias durante la lactancia y de las características maternas en la obesidad infantil. **Arch. argent. pediatr**, 26-33, 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-983773>. Acesso em: 29 abr. 2024.

AZEVEDO, A. R. R. et al. Clinical management of breastfeeding: knowledge of nurses. **Escola Anna Nery – Revista de Enfermagem**, v. 19, n. 3, p. 439 – 445, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/BsFg7cnYsXZrxBHsV7cd7qD/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 29 abr. 2024.

AZIM JR, H A. et al. Amamentação em sobreviventes de câncer de mama: padrão, comportamento e efeito no resultado do câncer de mama. **O Peito**, v. 19, n. 6, pág. 527-531, 2016. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21078487/>. Acesso em: 04 jun. 2024.

BALAMINUT, T et al. Aleitamento materno em prematuros egressos de hospitais amigos da criança do sudeste brasileiro. **Rev Eletr Enf**. 2018; 20:v20a22. Disponível em: <http://fi-admin.bvsalud.org/documente/view/bjm9v>. Acesso em: 07 mai. 2024.

BASSAN, T.F.; GANEN, A.P.; CASTRO, A.G.P. Fatores que impedem o aleitamento materno estendido em Unidades Básicas de Saúde de Guarulhos. **Mundo da Saúde**, v.5, p. 541-550, 2021. Disponível em: [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/periodicos/mundo\\_saude\\_artigos/fatores\\_aleitamentomaterno\\_unidadessaudeguarulhos.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/periodicos/mundo_saude_artigos/fatores_aleitamentomaterno_unidadessaudeguarulhos.pdf). Acesso em: 07 mai. 2024.

BRAGA, D et al. Amamentação exclusiva de recém -nascidos prematuros: percepções e experiências de lactantes usuárias de um serviço público especializado. **Rev. Nutr.** 2018; 21(3):293-302. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-52732008000300004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-52732008000300004&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 07 mai. 2024

BRASIL. Ministério da Saúde. **Doação de leite:** o que é, aleitamento materno, importância e como doar. 2015. Disponível em: <https://saude.gov.br/saude-de-a-z/doacao-de-leite-2019>. Acesso em: 13 fev. 2024.

BRASIL. **Saúde da criança:** aleitamento materno e alimentação complementar / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica, 2ª Ed. Brasília, 2015.

BRASILEIRO, A et al. A amamentação entre filhos de mulheres trabalhadoras. **Rev. Saúde Pública;** 2018; 46(4):642-648. Disponível em: [http://www.scielo.br/SciELO.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89102012000400008&lng=em](http://www.scielo.br/SciELO.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102012000400008&lng=em). Acesso em: 07 mai. 2024.

CARDOSO, R.P. et al. A relação do aleitamento materno e o sistema imunológico da criança: prevenção de doenças alérgicas. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.11, p.105308-105316, nov.2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/39626>. Acesso em: 07 mai. 2024.

CIACIARE, B et al. A manutenção do aleitamento materno de prematuros de muito baixo peso: experiência das mães. **Revista Eletrônica de Enfermagem.** 2016; 17(3). Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/27548>. Acesso em: 07 mai. 2024.

CARVALHO, A et al. Aleitamento materno: promovendo o cuidar no alojamento conjunto. **Rev Rene;** 14(2):241-51, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3240/324027986003.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2023.

CARVALHO, N et al. A vivência das puérperas frente à assistência de enfermagem recebida durante o ciclo gravídico puerperal. **Interdisciplinary Scientific Journal.** 2017;4(3). Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/321148379\\_A\\_VIVENCIA\\_DAS\\_PUERPERAS\\_FRENTE\\_A\\_ASSISTENCIA\\_DE\\_ENFERMAGEM\\_RECEBIDA\\_DURANTE\\_O\\_CICLO\\_GRAVIDICO\\_PUERPERAL](https://www.researchgate.net/publication/321148379_A_VIVENCIA_DAS_PUERPERAS_FRENTE_A_ASSISTENCIA_DE_ENFERMAGEM_RECEBIDA_DURANTE_O_CICLO_GRAVIDICO_PUERPERAL). Acesso em: 17 mai. 2024.

CAVALCANTI, S et al. Fatores associados à prática do aleitamento materno exclusivo por pelo menos seis meses no estado de Pernambuco. **Rev. bras. epidemiol.** vol.18, n.1, pp.208-219. ISSN 1980-5497. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/gKQ6HjmrpSNtdnT64CPhxtB/?lang=pt#>. Acesso em: 1 nov. 2023.

CHRISTOFFEL, M. et al. Aleitamento materno exclusivo e os profissionais da estratégia saúde da família. **Rev Bras Enferm.,** v.75, n.3, p.20200545, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/Xs4TthypGjZpzDtpYLqvjrp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 mai. 2024.

CIRINO, I et al. Educação em saúde: promovendo o aleitamento materno, um relato de experiência. **R. Interd.** 2016; v. 9, n. 4, p. 181-186, out. nov. dez. Disponível em: <https://revistainterdisciplinar.uninovafapi.edu.br/index.php/revinter/article/view/1077>. Acesso em: 17 mai. 2024.

COSTA, E. et al. Atuação do enfermeiro no manejo clínico da amamentação: estratégias para o aleitamento materno. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, v. 10, n. 1, p. 217, 2018. Disponível em: [http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/5953/pdf\\_1](http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/5953/pdf_1). Acesso em: 29 abr. 2024.

COSTA, F. et al. Promoção do Aleitamento Materno no Contexto da Estratégia de Saúde da Família. **Rev. Rede de Cuidados em Saúde**. v. 13, nº. 1, jul, 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1006281>. Acesso em: 1 nov. 2023.

COSTA, L et al. Importância do aleitamento materno exclusivo: uma revisão sistemática da literatura. **Revista de Ciências da Saúde**, São Luís, v. 15, n. 1, p. 39- 46, jan./jun., 2013. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rcisaude/article/view/File/1920/2834>. Acesso em: 07 mai. 2024.

CREMONESE, L. et. al. A decisão de amamentar durante a adolescência: um estudo na perspectiva cultural. **Revista de Enfermagem da UFSM**. Rio Grande do Sul. V 6, n3. p.317-326. jul/set, 2016. Disponível em: <https://rfs.emnuvens.com.br/rfs/article/view/162>. Acesso em: 1 nov. 2023.

DELFINO, J et al. Ações educativas para a gestante no pré-natal acerca dos cuidados com recém-nascido. **Saúde Coletiva** (Barueri), v. 11, n. 63, p. 5362-5375, 2021. Disponível em: <https://revistasaudecoletiva.com.br/index.php/saudecoletiva/article/view/1446>. Acesso em: 17 mai. 2024.

DIAS, E et al. Conhecimento de gestantes de uma unidade de saúde sobre os cuidados com o recém-nascido. **Inova Saúde**, v. 9, n. 1, p. 176-190, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/Inovasaude/article/view/3709>. Acesso em: 17 mai. 2024.

ENANI. **Aleitamento materno**. 2020. Disponível em: <https://enani.nutricao.ufrj.br/>. Acesso em: 29 abr. 2024.

FERNANDES, B et al. Dificuldades iniciais com a técnica da amamentação e fatores associados a problemas com a mama em puérperas. **Rev. paul. pediatr.** 25;35(3):265-272, 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-05822017000300265&lng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-05822017000300265&lng=en). 07 mai. 2024.

FERREIRA, G. et al. O papel da enfermagem na orientação do aleitamento materno exclusivo. **Revista Conexão Eletrônica**, 13(1), 1-18, 2016. Disponível em: [http://www.aems.edu.br/conexao/edicaoanterior/Sumario/2016/downloads/1.%20Ci%C3%A4ncias%20Biol%C3%B3gicas%20e%20Ci%C3%A4ncias%20da%20Sa%C3%BAde/070\\_Inicia%C3%A7%C3%A3o%20-%20O%20Papel%20da%20Enfermagem...pdf](http://www.aems.edu.br/conexao/edicaoanterior/Sumario/2016/downloads/1.%20Ci%C3%A4ncias%20Biol%C3%B3gicas%20e%20Ci%C3%A4ncias%20da%20Sa%C3%BAde/070_Inicia%C3%A7%C3%A3o%20-%20O%20Papel%20da%20Enfermagem...pdf). Acesso em 12 fev. 2024.

FERREIRA, J. Conhecimento das puérperas acerca da importância do aleitamento materno exclusivo nos seis primeiros meses de vida. **Temas em Saúde**, v.6, n.4, p.129-147, João Pessoa, 2016. Disponível em: <https://temasemsaude.com/wp-content/uploads/2017/01/16410.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2014.

FIGUEIREDO, M. C. D. et al. Banco de leite humano: o apoio à amamentação e a duração do aleitamento materno exclusivo. **Journal of Human Growth and Development**, v. 25, n. 2, p. 204–210, 2015. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0104-12822015000200011](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-12822015000200011). Acesso em: 29 abr. 2024.

GÁRATE, K.M.S., et al. et al. Tipos de alimentação e presença de hábitos orais prejudiciais em Crianças com Fissura Labial e/ou Palatina: Um Estudo Piloto. **Pesquisa Brasileira em Odontopediatria e Clínica Integrada**, v. 20, p. e0063, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pboci/a/FmgXyHxXst7z6vFwYbW9kwK/abstract/?lang=en>. Acesso em: 04 jun. 2024.

GARCIA, E. et al. As Ações de Enfermagem no Cuidado à Gestante: Um Desafio à Atenção Primária de Saúde. **Rev. Fundamental care online**. v. 10, nº. 3, p. 863-870, 2018. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-906820>. Acesso em: 1 nov. 2023.

GONÇALVES, V et al. Marcadores de consumo alimentar e baixo peso em crianças menores de 6 meses acompanhadas no Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional, Brasil, 2019. **Epidemiologia E Serviços de Saúde**, 28(2). Disponível em: <https://doi.org/10.5123/s1679-49742019000200012>. Acesso em: 29 abr. 2024.

GIUGLIANI, E; SANTOS. E. **Amamentação Exclusiva**. 4<sup>a</sup> Ed. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan, 2017.

HERGESSEL, N. **Aleitamento materno na primeira hora após o parto**. Graduação em enfermagem. Monografia - Curso de Enfermagem - Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, 2018. Disponível em: <https://www.univates.br/bduserver/api/core/bitstreams/4a745465-ae46-4534-9713-3d6acf38dceb/content>. Acesso em: 17 mai. 2024.

JA, J et al. O enfermeiro e a amamentação pós câncer de mama: O desbravar das intervenções. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 3, p. 4396-4403, 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/9910>. Acesso em: 04 jun. 2024.

LEITE, M et al. Promoção do aleitamento materno na primeira hora de vida do recém-nascido por profissionais da enfermagem. **Arq. Cienc. Saúde UNIPAR**; v. 20, n. 2, p. 137-143, 2016. Disponível em: <https://ojs.revistasunipar.com.br/index.php/saude/article/view/5386>. Acesso em: 1 nov. 2023.

LIMA, A et al. A prática do aleitamento materno e os fatores que levam ao desmame precoce: Uma revisão integrativa. **Journal of Health & Biological Sciences**, 6(2), 189-196. 2018. Disponível em: <https://periodicos.unichristus.edu.br/jhbs/article/view/1633>. Acesso em: 1 nov. 2023.

LIMA, A et al. Aleitamento materno exclusivo de prematuros e motivos para sua interrupção no primeiro mês pós-alta hospitalar. **Rev Gaucha Enferm**. 2019 [acesso em 26 Out 20];40:e20180406. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2019.20180406>. Acesso em: 07 mai. 2024.

LUSTOSA, E; LIMA, R. Importância da enfermagem frente à assistência primária ao aleitamento materno exclusivo na atenção básica. **Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde**. 2020. Disponível em: <https://revistarebis.rebis.com.br/index.php/rebis/article/view/96/89>. Acesso em: 17 mai. 2024.

MACEDO, M et al. Aleitamento materno: identificando a prática, benefícios e os fatores de risco para o desmame precoce. **Rev. enferm. UFPE**. p. 414- 423, 2015 Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/10354/11073>. Acesso em: 13 fev. 2024.

MARTINS, Q et al. Aleitamento materno: a importância da amamentação e das ações de enfermagem na prevenção, orientação e solução de dúvidas provenientes do período pós-parto. **Humanidades & tecnologia em revista**. Ano XIV, vol. 23 - abr.- jul. 2020. Disponível em: [http://revistas.icesp.br/index.php/FINOM\\_Humanidade\\_Tecnologia/article/view/1209/889](http://revistas.icesp.br/index.php/FINOM_Humanidade_Tecnologia/article/view/1209/889). Acesso em: 29 abr. 2024.

MEDEIROS, L et al. Simulação virtual sobre amamentação e lesões mamiloareolares: desenvolvimento e validação de protótipo. **Acta Paul Enferm**. 2023; 36:eAPE02502. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/gCVMWFgFZvw7HxFLBkprnx/>. Acesso em: 04 jun. 2024.

MELO, L. **Dificuldades das primíparas na amamentação nos primeiros dias do pós-parto no serviço de maternidade do Hospital Dr. Baptista de Sousa**: Intervenções de Enfermagem. [Thesis]; Cabo Verde-Angola: Universidade do Mindelo, 2019. Disponível em: <http://www.portaldoconhecimento.gov.cv/bitstream/10961/5264/1/TCC%20La%c3%adse%2>. Acesso em: 29 abr. 2024.

MESQUITA, A et al. Atribuições de enfermeiros na orientação de lactantes acerca do aleitamento materno. **Rev. Cient. Sena Aires**; 5(2): 158-170, 2016. Disponível em: <http://revistafacesa.senaaires.com.br/index.php/revisa/article/view/267>. Acesso em: 1 nov. 2023.

MONTEIRO, A et al. Aleitamento materno exclusivo em prematuros de hospitais Amigo da Criança: estudo comparativo. **Online Brazilian Journal of Nursing**. 2017. Disponível em: [http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/5627/html\\_2](http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/5627/html_2). Acesso em: 07 mai. 2024.

MONTEIRO, J et al. Fatores associados à interrupção precoce do aleitamento materno exclusivo em prematuros. **ACM Arq Catarin Med**. 2020 [acesso em 26 Out 20];49(1):50-65. Disponível em: <http://fi-admin.bvsalud.org/document/view/ggsf8>. Acesso em: 07 mai. 2024.

MORAES, I et al. Percepção sobre a importância do aleitamento materno pelas mães e dificuldades enfrentadas no processo de amamentação. **Revista de Enfermagem Referência**, n. 2, p. e19065-e19065, 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1125499>. Acesso em: 04 jun. 2024.

NETO, M. **Importância do Agosto Dourado**. 2019. Disponível em: <http://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/12/1046538/femina-2019-478-454-463.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2024.

OLIVEIRA, C et al. Amamentação e as intercorrências que contribuem para o desmame precoce. **Rev gaúcha enferm**. 2015; v.36(esp), p.16-23. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rngenf/v36nspe/0102-6933-rngenf-36-spe-0016.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2024.

OLIVEIRA, F et al. A efetividade da educação em saúde na prevenção do trauma mamilar na amamentação: uma revisão sistemática. **Rev Bras Saúde Mater Infantil**. 2020;20(2):333–45. Análise. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/4bNKhHsPm9NmTWb8fsScJQs/>. Acesso em: 04 jun. 2024.

OLIVEIRA, L. **A importância do enfermeiro durante as consultas do pré-natal para a promoção da prática do aleitamento materno**. Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Enfermagem, da Faculdade UNIRB. Aracaju, 2019. p. 1-23. Disponível em: <http://dspace.unirb.edu.br:8080/xmlui/handle/123456789/202>. Acesso em: 1 nov. 2023.

PEREIRA, L et al. Reclamações de nutrizes que procuram atendimento em banco de leite humano e fatores associados. **Rev Enferm Atual Derme**. 2019;87(Supp 25):1-8. Disponível em: <https://revistaenfermagematual.com.br/index.php/revista/article/view/212>. Acesso em: 04 jun. 2024.

POUPAS MARTINS, M; SIM-SIM, M. Amamentação exclusiva depois do câncer de mama. Estudo de caso. **Investigación y Educación en Enfermería**, v.n. 1, 2023. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1419122>. Acesso em: 04 jun. 2024.

QUEIROZ, R. **Aleitamento Materno: dificuldades iniciais em um alojamento conjunto**. Cuité. Trabalho de conclusão de curso (TCC) (Bacharelado em Enfermagem) – Unidade Acadêmica de Enfermagem, Centro de Educação e Saúde, Universidade Federal de Campina Grande, Cuité – PB. 2017. p.63. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/20431>. Acesso em: 1 nov. 2023.

RIBEIRO, K et al. Efeito do aleitamento materno para o sistema imunológico: uma prática de incentivo na assistência de enfermagem. **Revista COOPEX**. v. 14, n.02. 1076-1089p 2023. Disponível em: <https://coopex.unifip.edu.br/index.php/coopex/article/view/178>. Acesso em: 17 mai. 2024.

ROCCI, E.; FERNANDES, R. A. Q. Breastfeeding difficulties and influence in the early weaning. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 67, n. 1, 2014. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24676064/>. Acesso em: 29 abr. 2024.

ROCHA, F. **Cancro da mama e amamentação**. Tese de Doutorado. ESEL - Escola Superior de Enfermagem de Lisboa. Lisboa, 2020. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/37413>. Acesso em: 04 jun. 2024.

RODRIGUES, A et al. Cuidado de enfermagem na gestação de alto risco: revisão integrativa. **Braz. j. nurs.** Vol 15, No 3, 2016. Disponível em: [http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/rt/printerFriendly/5434/html\\_2](http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/rt/printerFriendly/5434/html_2). Acesso em: 29 abr. 2024.

SANTANA, P. et al. Relato de experiência “aleitamento materno: semear na infância para colher no futuro. **Revista de Extensão da UPE**, v. 5, n. 2, p. 26-31, 2020. Disponível em: <https://www.revistaextensao.upe.br/index.php/reupe/article/view/88>. Acesso em: 17 mai. 2024.

SANTOS, A; MEIRELES, G. A importância da amamentação exclusiva nos seis primeiros meses de vida e o papel da enfermagem. **Revista Coleta Científica**; ano V, Vol. V, n.9, p.5; jan.-jun., 2021. Disponível em: <https://zenodo.org/records/5111606>. Acesso em: 1 nov. 2023.

SANTOS, E et al. Avaliação do Aleitamento materno em crianças até dois anos assistidas na atenção básica do Recife, Pernambuco, Brasil. **Temas livres • Ciênc. saúde colet.** 24 (3) • Mar 2019. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=https%3A%2F%2Fwww.SANTOS%2C+et+al.+Avalia%C3%A7%C3%A3o+do+Aleitamento+materno+em+crian%C3%A7as+ate+dois+anos+assistidas+na+aten%C3%A7%C3%A3o+b%C3%A1sica+do> Acesso em: 13 fev. 2024.

SANTOS, K et al. Prevalência e fatores associados à fissura mamilar no primeiro mês pós-parto. **BMC Gravidez Parto.** 2016; 16: 209-16. Disponível em: <https://bmcpregnancychildbirth.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12884-016-0999-4>. Acesso em: 04 jun. 2024.

SEHNEM, G. et al. Vivência da amamentação por mães adolescentes: experiências positivas, ambivalências e dificuldades. **Revista de Enfermagem da UFSM.** Rio Grande do Sul, v. 6 n. 4. P.578-588, out/dez, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/23707>. Acesso em: 1 nov. 2023.

SELLA, T et al. Resumo P5-08-06: Amamentação em sobreviventes de mama precoce Câncer. **Pesquisa do Câncer, v. 5\_Suplemento**, pág. P5-08-06-P5-08-06, 2023. Disponível em: <https://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/1082/929>. Acesso em: 04 jun. 2024.

SILVA, C; DAVIM, R. Mulher trabalhadora e fatores que interferem na amamentação: revisão integrativa. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, Fortaleza, v.13, n.5, p.1208-1217, set. 2014. Disponível em: <http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/view/1171/pdf>. Acesso em: 13 fev. 2014.

SILVA, D. Promoção do Aleitamento Materno no Pré-Natal: Discurso das Gestantes e dos Profissionais de Saúde. **REME – Rev. Min. Enfermagem.** 22: e-1103; 2018. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-907142>. Acesso em: 1 nov. 2023.

SILVA, F. Contribuições da técnica de amamentação entre gestantes de uma unidade de saúde do estado do Acre. **RECIMA21. Tecnologiav.5, n.5, 2024.** Disponível em: <https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/5265/3623>. Acesso em: 04 jun. 2024.

SILVA, J et al. A importância da amamentação na primeira hora de vida: análise da literatura atual. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.8, n.5, p.36001-36015, may., 2022. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/47821>. Acesso em: 1 nov. 2023.

SILVA, J et al. Dificuldades na amamentação de lactentes com fissura labiopalatina. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, Umuarama, v.27, n.5, p. 3198-3211, 2023. Disponível em: <https://unipar.openjournalsolutions.com.br/index.php/saude/article/view/9960/4751>. Acesso em: 04 jun. 2024.

SILVA, N et al. Tecnologias em saúde e suas contribuições para a promoção do aleitamento materno: revisão integrativa da literatura. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, p. 589-602, 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-984214>. Acesso em: 04 jun. 2024.

SILVA, O. **Análise do custo-efetividade da Iniciativa Hospital Amigo da Criança na promoção da amamentação e redução da mortalidade infantil**. Tese (Doutorado em Nutrição em Saúde Pública) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. p. 1-233. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6138/tde-22022019-151700/pt-br.php>. Acesso em: 1 nov. 2023.

SOUZA, T et al. Efeito de um intervenção educativa sobre a técnica de amamentação sobre a prevalência de amamentação exclusiva. **Rev Bras Saúde Mater Infantil**. 2020;20(1):297–304. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/nd6NRcYnPRPTBZLxNQxFZpv/?lang=pt>. Acesso em: 04 jun. 2024.

SUÁREZ, D. et al. Conhecimento sobre amamentação e relação com prevalência. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 53, p. e03433, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/8Q8rhSvyqDGwXyB4CWvZdHC/>. Acesso em: 04 jun. 2024.

TENÓRIO, T et al. Atuação da equipe de enfermagem no processo de amamentação frente a prevenção ao desmame precoce. **Research, Society and Development**. 2021; 10(1) :e4110 111456-e4110111456. Disponível em: <https://typeset.io/pdf/atuacao-da-equipe-de-enfermagem-no-processo-de-amamentacao-2l6xfs56le.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2024.

TESSARI, W et al. Percepção de mães e pais adolescentes sobre o aleitamento materno. **Enfermagem em Foco**, 10(2), 2019. doi:10.21675/2357-707X.2019.v10.n2.1865. Acesso em: 07 mai. 2024.

TRETTENE, A et al. Aleitamento materno em lactentes com fissura labiopalatina. **J. Enfermeira UFPE on-line**, v. 5, pág. 1390-1396, 2018. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-980805>. Acesso em: 04 jun. 2024.

TUNGOTYO, M., et al. A prevalência e os fatores associados à desnutrição entre bebês com fissura de palato e/ou lábio em um hospital em Uganda: um estudo transversal. **BMC Pediatría**, v. 17, n. 1º de janeiro de 2017. Disponível em: <https://bmcpediatr.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12887-016-0775-7>. Acesso em: 04 jun. 2024.

UNASUS. **Pesquisa inédita revela que índices de amamentação cresceram no Brasil.**

2020. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/pesquisa-inedita-revela-que-indices-de-amamentacao-cresceram-no-brasil>. Acesso em: 29 abr. 2024.

VIANA, M et al. Estratégias e ações do enfermeiro no incentivo ao aleitamento materno: revisão integrativa. **R. pesq.: cuid. Fundam**; 2021 jan/dez 13: 1204-1209. Disponível em: : 10.9789/2175-5361.2019.v13i2.1204-1209. Acesso em: 29 abr. 2024.

VICTORA, C G et al. Amamentação no século 21: Epidemiologia, mecanismos e efeitos ao longo da vida **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília; v. 1, 2016. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=https%3A%2F%2Fwww.VICTORA%2C+Cesar%2C+G+et+al.+Amamenta%C3%A7%C3%A3o+no+s%C3%A9culo+21%3A+Epidemiologia%2C+mecanismos+e+efeitos+ao+longo>. Acesso em: 13 fev 2024.

WALTY, C; DUARTE, E. O aleitamento materno de recém-nascidos prematuros após a alta hospitalar. **Rev Enf Cent-Oeste Min**. 2017;7:e1689. Disponível em: <http://seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/1689/1782>. Acesso em: 07 mai. 2024.

WENZEL, D; SOUZA, S. Fatores associados ao aleitamento materno nas diferentes regiões do Brasil. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, 14(3), 241-249, 2014. Disponível em: doi:10.1590/S1519-38292014000300005. Acesso em: 07 mai. 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Guideline:** protecting, promoting and supporting breastfeeding in facilities providing maternity and newborn services. Genebra, 2017. Disponível em: <https://www.who.int/publications-detail-redirect/9789241550086>. Acesso em: 29 abr. 2024.